

A terceira ponte, assunto vira moda

Tudo começou há 15 dias. Deu um estalo enquanto eu escrevia um artigo sobre a instalação de chafarizes em Brasília — por sinal, a idéia vai de vento em popa: como apoio integral do próprio Governador, só está faltando uma palavra de Lúcio Costa para a formalização da proposta oficial ao CAUMA e aí, caso aprovada, mãos às obras!

Os chafarizes quase me desviavam da ponte, voltemos a ela: como dizia, tudo surgiu num estalo, o óbvio me veio à cabeça assim: a população do Lago Sul, sobretudo a que reside entre a QI 15 e a QI 29, quer uma nova ponte. Precisa dela. É obra essencial para desafogar o tráfego e uma imposição do bom senso, pois beneficiará uma comunidade que já possui milhares de moradores.

Todo mundo ali quer a ponte. Quer, mas sabe que tão cedo não vai tê-la com recursos oficiais. Primeiro porque antes dela, por elementar questão de precedência e justiça, será construída a ponte do Lago Norte. Segundo, porque não há dinheiro para fazer as duas pontes. Aí é que aparece o óbvio. A comunidade quer a ponte? Tem pressa? Tem poder aquisitivo? Então que se reúna e adiante o dinheiro ao governo, numa grande "vaquinha", para que ele construa a obra.

É a comunidade tomando a iniciativa, decidindo coisas que lhe dizem respeito, reservando-se ao governo o papel que lhe cabe: atender aos anseios do contribuinte. Essa a maior novidade, caro leitor: a inversão de vetores. Em vez de o cidadão ficar o tempo todo reclamando da vida, criticando o governo, resmungando contra a mediocridade, aja, que diabo! Aprenda a conjugar o verbo fazer, dei-

xe as palavras, passe aos fatos!

Verdadeiro ovo de Colombo, como se vê. O Governador Aparecido, a quem transmiti a sugestão, deu apoio integral a ela e já acionou o governo de Brasília para executar a tarefa. Tive oportunidade de discutir a idéia com Secretários e com o Presidente do BRB, reunião da qual participou nosso prezado amigo Dickran Berberian, Prefeito do Lago Sul, totalmente integrado à iniciativa.

O Secretário Carlos Magalhães, homem de reconhecido senso prático, até se dispôs a pedir a Oscar Niemeyer, um esboço do projeto e aí governo e comunidade se sentarão juntos e decidirão como realizar a obra. Formidável é que em poucos dias a idéia saiu do papel de jornal para o papel da prancheta do maior arquiteto do mundo!

Mas, passada a euforia inicial — como sempre, aliás, o melhor da festa —, vem agora o trabalho de organizar e selecionar as inúmeras alternativas à frente. Sim, pois, se há consenso de que os moradores concordarão com a obra, também não há dúvida de que eles não vão querer onerar o bolso com um empreendimento que, por seu vulto e complexidade operacional, pode acabar dando em nada, gerando frustração e prejuízo. É preciso, por conseguinte, discutir e conversar muito até que se encontre a melhor forma de reembolsar aqueles que concordarem em colaborar.

Eis algumas idéias: isenção total ou parcial das taxas de serviços por determinado período — água, luz, IPTU, etc.; criação de uma empresa, cujos acionistas seriam os moradores engajados na construção, a qual receberia terrenos de propriedade do GDF, adja-

centes à futura ponte, para administrá-los sob a forma de restaurantes, postos de gasolina e lojas de vários ramos de atividades, com o faturamento dessa empresa aplicado em benefício de seus sócios, que assim seriam ressarcidos pelo investimento feito; instituição de pedágio na nova ponte, revertendo a arrecadação àquelas que a construíram; venda de carnes, com o sorteio de prêmios, e assim por diante, numa catadupa de opções a discutir.

Há quem fale no financiamento de entidades nacionais e internacionais e quem preconize a busca de recursos, ainda que parciais, no Ministério dos Transportes, já que a ponte seria nada menos que um segmento da rodovia federal que vem de Unai — você sabia disso?

Enfim, uma chuva de sugestões, ainda incipientes. Todas tenho passado ao Dickran, pois acho que a tarefa pioneira deve ser assumida pela entidade comunitária que se propõe a cuidar do Lago Sul, que ele dirija com tanto amor. A Prefeitura deve caber exortar, reunir e mobilizar as vontades num gigantesco mutirão que, em prazo relativamente curto, construirá a ponte, dando um magnífico exemplo à cidade e ao País do valor da livre iniciativa quando devidamente acionada e motivada.

Tudo isso, sem falar na extraordinária experiência de comunicação e de "marketing" que o assunto inspira. É desafio que assume as características de autêntico "case", tal a riqueza e a exuberância das alternativas que se abrem para a realização da obra nessa modalidade, o que implica no trabalho ao mesmo tempo individual e coletivo de convencimento a vizinhos e amigos, até que se molde uma

vontade una e imbatível. Irene e Sêrvulo Tavares, Sônia e José Madeira, Beth e Apolônio Sales, Consuelo Badra, Maria José, Fernando Carlos e Carlos Fernando de Souza Leite, Roseli e Maurício Dinépi, Branca e Luiz Orlando Carneiro, Maria Luíza e Carlos Fernando Mathias, Raquel e Haroldo de Castro, Lúcia e Mário Garófalo, Mônica e Jorge Costa Neves, Carmen Sílvia e Emil Teixeira, Stella e Roberto Bassous, Cristina e Alexandre Paes dos Santos, Celeste e Mauro Sérgio, Heitor Tepedino, Vera Brandt, Milano Lopes, Sérgio Martinelli, Cascão, Edgard Hasselmann, Afraninho Nabuco, Necimen Barzellay, Francisco Dornas, Maurício Espírito Santo, Afonso Assad, Athayde da Hora, tudo gente que mora naquela área, ama Brasília e pode formar opinião, com esplêndido efeito multiplicador.

Uma comissão mista governo-comunidade logo será constituída e trabalhará para cumprir o cronograma até que, numa bela tarde de sábado, as bandeiras tremulem, os foguetes espouquem e a banda toque enquanto os primeiros moradores cruzam a nova ponte em meio à alegria geral.

Agora, uma cerejinha delicosa para dar mais sabor ao projeto: a mureta da ponte pode ser construída com tijolinhos onde estará gravado o nome de todos aqueles que colaboraram, assim perpetuando o registro de quem acreditou e participou. Daqueles que demonstraram visão e generosidade e que provaram estar sintonizados com causas grandes e inovadoras como essa. Daquelas, que, enfim, pensam grande, têm a índole pioneira de Brasília e a mentalidade que devia inspirar, hoje e sempre, os governadores do Brasil.